



Apontamentos acerca do conceito de pessoa em Max Scheler

Notes on the concept of person in Max Scheler

Tiago de Fraga Gomes⁶²²

Docente no PPG de Teologia da

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo: A presente pesquisa pretende trabalhar o conceito de pessoa em Max Scheler, explorando suas influências e contribuições para o tema em âmbito filosófico e teológico. O conceito de pessoa em Scheler prescinde de um puro idealismo racionalista. A pessoa humana para Scheler é o ser vivente que transita pelas esferas constitutivas da existência, com os pés firmes na materialidade do mundo, agregando em seu ser, várias dimensões, desde os níveis psíquicos da sensibilidade afetiva, do instintivo, da memória associativa, da inteligência prática até o patamar especificamente humano: a dimensão espiritual. A pessoa humana constitui-se como um centro espiritual de atuação cuja percepção descobre o mundo com seus valores, tendo a própria pessoa, para além de seus atos, um valor absoluto e irreduzível. O método utilizado por Scheler vem da fenomenologia de Husserl, com a peculiaridade de um emocionalismo constitutivo nos atos intencionais de ideação ligados à pessoa.

Palavras-chave: Pessoa. Percepção. Valores. Fenomenologia. Scheler.

Abstract: This research aims to work on Max Scheler's concept of person, exploring his influences and contributions to the theme in a philosophical and theological context. Scheler's concept of person does not require pure rationalist idealism. For Scheler, the human person is a living being that moves through the constitutive spheres of existence, with its feet firmly in the materiality of the world, bringing together in its being several dimensions, from the psychic levels of affective sensitivity, instinctive, associative memory, practical intelligence to a specifically human level: the spiritual dimension. The human person is constituted as a spiritual center of activity whose perception discovers the world with its values, with the person himself, beyond his actions, having an absolute and irreducible value. The method used by Scheler comes from Husserl's phenomenology, with the peculiarity of a constitutive emotionalism in intentional acts of ideation linked to the person.

Keywords: Person. Perception. Values. Phenomenology. Scheler.

⁶²² Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com estágio pela Ruhr-Universität Bochum (RUB, Alemanha). Pós-Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Vencedor do Prêmio CAPES de Tese na área de Ciências da Religião e Teologia (2021). Professor da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), no Programa de Pós-Graduação em Teologia e Editor da Revista Teocomunicação.

Introdução

A presente pesquisa⁶²³ pretende elaborar alguns apontamentos acerca do conceito de pessoa no pensamento do filósofo alemão Max Ferdinand Scheler (1874-1928). Para Max Scheler, não há maior problema filosófico como a questão da pessoa humana em sua essência e estrutura constitutiva⁶²⁴, pois nunca houve antes tantas opiniões acerca do ser humano e de sua origem que fossem tão incertas, imprecisas e múltiplas como no tempo atual. É preciso superar as velhas opiniões e empreender um novo caminho, prescindindo de ideias dominantes que totalizam uma visão do humano como a *imago Dei* judaico-cristã⁶²⁵, o *homo sapiens* grego⁶²⁶ ou o *homo faber* positivista e pragmatista.⁶²⁷ As perguntas “o que é o homem?” e “qual a sua posição no interior do ser?” sempre foram prioridade para a consciência filosófica de Scheler.⁶²⁸ Este estudo pretende seguir brevemente o itinerário antropológico scheleriano, desde o método fenomenológico herdado de Edmund Husserl até a formulação de um personalismo ético.

1 A influência do método fenomenológico de Husserl

Scheler constrói uma antropologia centrada na pessoa como ser orgânico-espiritual que se abre ao mundo não apenas através da dimensão racional, mas também, através de atos intuitivos e intencionais conscientes.⁶²⁹ A estratificação ontológica da pessoa, com a qual ocorrem as interações com o meio, abarca dimensões mais primitivas, desde as esferas biofísicas até as espirituais. Há categorias pessoais que não estão contidas na racionalidade, porém, não são desprovidas de sentido. O conhecimento objetivo, por exemplo, é apenas um dos atos do pensamento. Husserl concebe o processo gnosiológico para além da dimensão vivencial, subjetiva e psíquica, no sentido de uma adequação da unidade ideal de significação ao estado objetual de coisas, porém, sem se fechar aos atos não objetivantes do pensamento.⁶³⁰

Husserl convida seus sucessores a perscrutar e clarificar a essência do conhecimento⁶³¹ de modo a não pouparem esforços na crítica às imperfeições de seu pensamento.⁶³² Scheler, diferente de Husserl, se ocupou prioritariamente de uma fenomenologia pura, descrevendo os processos de conhecimento, sobretudo, no âmbito da consciência, culminando em posições idealistas. Scheler se interessa pela descrição das dimensões *a priori* e materiais do pensamento, as primeiras, se referem às intuições cognitivas de caráter emocional, e as segundas, às bases socioculturais do conhecimento, desde os graus das vivências *a posteriori* a nível vital, emocional e comunitário. Para Scheler, toda racionalização se enraíza no chão da materialidade

⁶²³ A presente pesquisa foi elaborada a partir de um trabalho apresentado e publicado no Seminário Internacional de Antropologia Teológica, que ocorreu na PUCRS, em Porto Alegre, de 08 a 10 de setembro de 2016.

⁶²⁴ SCHELER, Max. *La idea del hombre y la historia*. Buenos Aires: Fausto, 1996, p. 9.

⁶²⁵ SCHELER, 1996, p. 19.

⁶²⁶ SCHELER, 1996, p. 23

⁶²⁷ SCHELER, 1996, p. 35.

⁶²⁸ SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 1.

⁶²⁹ VOLKMER, Sérgio Augusto Jardim. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 7.

⁶³⁰ VOLKMER, 2006, p. 14.

⁶³¹ HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Setenta, 1989, p. 73.

⁶³² HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 11.

sensível, vital, emocional e sociocultural.⁶³³

Enquanto Husserl se preocupa com a objetividade do fato científico, Scheler o considera em sua relatividade, como um fato não absoluto. Husserl se ocupa em investigar a linguagem significativa e em descrever os atos objetivantes, fundantes do conhecimento das coisas, mas reconhece que há atos não objetivantes, fornecedores de conhecimento sobre as vivências internas ou subjetivas que são fundamentais para a comunicação.⁶³⁴ Scheler centra sua atenção nos objetos pré-científicos do mundo antropológico e na possibilidade de descrição de vivências subjetivas da consciência, abrindo espaço para os valores, os afetos e os fatos culturais que foram desconsiderados pelas ciências positivas emergentes de sua época. Enquanto Husserl categoriza as coisas como entes essenciais acessíveis à consciência, Scheler interpreta os valores como essências valiosas acessíveis aos sentimentos. Scheler aos poucos vai construindo uma fenomenologia peculiar, de cunho intuitivo-emocional.

Husserl, atraído pelo transcendentalismo kantiano, tem uma direção mais intelectualista. Scheler recorre ao vitalismo ao estilo de Nietzsche, Dilthey e Bergson, para fundamentar uma noção de intuição da essência pura que parte das bases materiais da vida.⁶³⁵ A motivação fundamental de Scheler diz respeito à ética e à antropologia filosófica, seu interesse diz respeito à vida prática e ao ser humano integral.⁶³⁶ Scheler não pretende descobrir propriamente o sentido do conhecimento científico, mas o sentido da vida. A ética e conseqüentemente a antropologia são os eixos da reflexão filosófica de Scheler.⁶³⁷ À pergunta “o que é o homem?”, segue o questionamento “o que devo fazer?”. Scheler constrói um conceito de pessoa como fundamento para a vida prática. O que move primeiramente as pessoas são questões práticas, não metafísicas. No entanto, o “conhece-te” é a grande reflexão filosófica de fundo.⁶³⁸

2 O conceito de pessoa a partir da materialidade da vida

Para Scheler, o ser humano é uma síntese de várias dimensões, desde as esferas naturais até a espiritual; é espírito que se move entre as esferas do ser; é um *microcosmo* que compartilha as diversas camadas da realidade do mundo; é o único ser que pode chegar a ser pessoa, por isso é *microtheos*.⁶³⁹ Desde a esfera do mundo material inanimado, a esfera atômica, passando pela estruturação orgânica da matéria que perfaz a vida, as dimensões vitais vegetativas e anímicas, a vida psíquica emocional, a dimensão afetiva valorativa, culminando na ligação de todos os elementos vitais à esfera espiritual e no vínculo entre o espírito humano singular com o espírito absoluto supra singular, fundamento de todo ser, tudo isso constitui as diversas esferas microcósmicas da pessoa humana.⁶⁴⁰ O ser humano é espírito livre que transita pelas esferas da vida como centro de vontades, intenções, valorações e atos.

A genialidade de Scheler consiste em superar uma visão filosófica monista com

⁶³³ VOLKMER, 2006, p. 13.

⁶³⁴ HUSSERL, 1975, p. 170.

⁶³⁵ VOLKMER, 2006, p. 25.

⁶³⁶ VOLKMER, 2006, p. 26.

⁶³⁷ SPIEGELBERGER, Herbert. *The phenomenological movement: a historical introduction*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1982, p. 272.

⁶³⁸ VOLKMER, 2006, p. 27.

⁶³⁹ VOLKMER, 2006, p. 73.

⁶⁴⁰ VOLKMER, 2006, p. 74.

relação à essência do ser humano. Percebe o ser humano não como acima ou superior aos estratos mais simples do mundo físico, orgânico e sensitivo, porém, não o equipara indistintamente ao mesmo nível de todo o cosmos. Ao isolar o ser humano de sua ligação com as diversas estruturas da vida, salientando unilateralmente seja a dimensão racional-espiritual, seja a dimensão técnico-prática, ou mesmo a dimensão biofísica, acaba-se por construir uma visão artificialmente desintegrada e inconsistente. O ser humano é um ser integrado pelas diversas dimensões da vida em cooperação.⁶⁴¹

Scheler possui um conceito sistemático-natural de ser humano, o qual considera todos os estratos de ser presentes no ser humano incluindo as suas peculiaridades distintas. Na tradição ocidental, há várias visões de ser humano: a visão religiosa da *imago Dei*; a concepção do ser humano como *logos*, como razão independente e autossuficiente; a ideia do ser humano como resultado de processos evolutivos; o ser humano como *homo faber*, determinado por aquilo que faz; cada uma dessas antropologias foca uma dimensão e desconsidera muitas outras. Scheler aponta diversos estratos de ser presentes onticamente no ser humano.⁶⁴² Scheler pretende elaborar uma consideração mais ampla possível dos estratos de ser presentes no ser humano.

O que Scheler deseja não é propriamente descrever qual é a essência exata do ser humano, mas a sua posição ontológica peculiar no cosmos. O mérito de Scheler está no fato de buscar uma ampliação do conceito de antropologia, prescindindo de todo reducionismo unilateral e preconceituoso que deixe de fora alguma dimensão significativa ao ser humano. Segundo Scheler, o ser vivente em geral se estrutura a partir da construção do mundo psíquico ou individual, ou seja, o ser-para-si, que desenvolve quatro dimensões evolutivas que estão interligadas: 1) o impulso afetivo ou sensitivo; 2) o instinto animal; 3) a memória associativa; 4) a inteligência prática.⁶⁴³ O ser humano compartilha elementos de todas essas esferas, mas com uma diferença essencial: o espírito. Pretende-se percorrer brevemente essas dimensões.

2.1 O impulso afetivo

O impulso “afetivo” ou “sensitivo” é a primeira manifestação da individuação do ser para-si. Parte de um ser íntimo que se destaca do meio, mesmo que ainda esteja subordinado a ele, em um movimento que vai do *ad intra* ao *ad extra*, de dentro para fora, que impulsiona ao crescimento e à reprodução⁶⁴⁴, embora estejam ainda ausentes a consciência, a sensação e a representação.⁶⁴⁵ Nesse nível psíquico, inexiste uma centralização reflexiva.⁶⁴⁶ Essa é a típica vida vegetativa, cujo movimento, essencial à vida, é capaz de resistência ao meio e de buscar condições mais favoráveis contornando obstáculos e adaptando-se às condições ambientais. No ser humano, a intuição afetiva é o primeiro dado material de percepção e de vivência da realidade e de intimidade com o meio circundante.⁶⁴⁷

⁶⁴¹ VOLKMER, 2006, p. 74-75.

⁶⁴² VOLKMER, 2006, p. 81.

⁶⁴³ VOLKMER, 2006, p. 82.

⁶⁴⁴ SCHELER, 2003, p. 10.

⁶⁴⁵ SCHELER, 2003, p. 9.

⁶⁴⁶ SCHELER, 2003, p. 12.

⁶⁴⁷ SCHELER, 2003, p. 13-14.

2.2 O instinto animal

O instinto animal é a dimensão anímica dos estados internos que se expressam nos comportamentos externamente observáveis⁶⁴⁸, os quais são movimentos e respostas em interação com o meio circundante. Caracteriza-se por um ritmo temporal repetitivo, fixo e invariável⁶⁴⁹, relacionado a situações significativas para uma determinada espécie. O instinto possui traços fundamentais inatos e hereditários.⁶⁵⁰ Nesse sentido, o instinto possui características inalteráveis.⁶⁵¹ Trata-se sempre de uma interação de um centro anímico com um meio, mas que não depende de uma resposta individualizada, pois não envolve escolha pessoal⁶⁵², está sempre pré-programado, em uma unidade característica entre saber prévio e ação de atração ou de retração a elementos específicos do meio, representando uma especialização crescente do impulso afetivo e de suas qualidades.⁶⁵³

2.3 A memória associativa

A memória associativa se refere a um centro de resposta relacionado a elementos específicos do meio, como unidades significativas formuladas a partir de experiências prévias bem-sucedidas, que se referem a determinados acontecimentos. Tem por base reflexos condicionados, mas vai mais além. Não se trata apenas de reflexos, mas de aprendizado empírico. Ultrapassa o condicionamento instintivo. Buscar ou evitar algo em virtude de um resultado almejado, aprendido por associação de ações anteriores, inseridas em um encadeamento repetitivo, diz respeito a uma memória que relaciona determinada ação a um resultado específico.⁶⁵⁴ A memória associativa rege-se por reflexos condicionados segundo uma lei associativa entre estímulos específicos e a reprodução de respostas comportamentais proporcionais, cuja gênese reporta-se a vivências passadas.⁶⁵⁵ Esse nível psíquico é responsável pela sedimentação de hábitos.

2.4 A inteligência prática

A inteligência prática não depende de atos prévios bem-sucedidos. Independe da quantidade de tentativas. Relacionadas a esse nível psíquico, estão as capacidades de escolha e de ação seletiva. Um ser vivo pode ser considerado inteligente quando empreende um comportamento com sentido diante de situações novas, nem típicas da espécie nem do indivíduo.⁶⁵⁶ O indivíduo inteligente é capaz de um pensamento produtivo, não apenas reprodutivo⁶⁵⁷, e de intuir antecipadamente ações por entre elementos do meio e atos de seu movimento corporal. É providente e astuto. Não depende necessariamente de um aprendizado prévio. É princípio da dimensão criativa do indivíduo, porém, situado dentro do contexto de uma necessidade e de condições

⁶⁴⁸ SCHELER, 2003, p. 15.

⁶⁴⁹ SCHELER, 2003, p. 16.

⁶⁵⁰ SCHELER, 2003, p. 17.

⁶⁵¹ SCHELER, 2003, p. 19.

⁶⁵² VOLKMER, 2006, p. 84.

⁶⁵³ SCHELER, 2003, p. 21.

⁶⁵⁴ VOLKMER, 2006, p. 84-85.

⁶⁵⁵ SCHELER, 2003, p. 23.

⁶⁵⁶ SCHELER, 2003, p. 29.

⁶⁵⁷ SCHELER, 2003, p. 30.

de possibilidade muito específicas.⁶⁵⁸ Não é ainda uma capacidade de formulação conceitual e de objetivação dos elementos envolvidos em determinada ação, a ponto de se poder afirmar que é possível reproduzir atividades e eventos desde um conhecimento conceitual acumulado. É quase como que um instinto mais elaborado e uma memória mais ativa do que reprodutiva. Ainda não é possível erigir um memorial que perpetue determinadas ações.

2.5 A diferença essencial do ser humano e sua posição no cosmos

O meio pode ser representado ou objetivado pelo espírito, diferença essencial constitutiva do ser humano em relação aos demais seres viventes. “O espírito é um centro de atividade intencional”.⁶⁵⁹ Só a pessoa humana pode intencionalizar para atuar.⁶⁶⁰ Segundo Scheler, a pessoa humana como ser espiritual pode ser caracterizada por “seu desprendimento existencial do orgânico, sua liberdade, sua separabilidade – ou ao menos a separabilidade de seu centro existencial – ante os laços, a pressão e a dependência do orgânico, da ‘vida’ e de tudo o que pertence à vida”.⁶⁶¹ A pessoa possui um valor próprio irreduzível, mas que vai se construindo no decorrer de sua existência como um centro indeterminado de determinação, a partir do qual há a possibilidade de mudança de atitudes, de arrependimento e de conversão. Todos os elementos vitais psicofísicos tais como os movimentos, as pulsões, os impulsos instintivos, os estados afetivos e até mesmo os elementos do meio circundante, podem ser objetivados pela pessoa, que enquanto ser espiritual pode representar e tomar como objeto.⁶⁶² Segundo Scheler, “um ser ‘espiritual’ não está mais vinculado a pulsões e ao meio ambiente. Ao contrário, ele está muito mais ‘livre do meio ambiente’, e, como gostaríamos de denominá-lo, ‘aberto para o mundo’”.⁶⁶³ A pessoa enquanto ser espiritual, posiciona-se por força do espírito em atitude de abertura ao mundo, que apreende por força própria e por suas próprias motivações internas o modo de ser dos objetos.

Através do ato de ideação, ato especificamente espiritual, a pessoa representa para si os elementos circundantes como essências, desvinculando-as do seu meio e elevando-as como objetos de seu mundo, como ideias próprias. O ato de ideação é o fundamento de toda atividade teórica da pessoa como ser espiritual, e é o que possibilita à pessoa desprender-se do mundo psicofísico e elevar-se à “constituição *essencial* do mundo”.⁶⁶⁴ O ato espiritual da pessoa como ser autoconsciente, consiste na superação da simples adequação ao mecanismo natural determinista de estímulo-resposta. “Autoconsciência e capacidade objetiva de resistência pulsional originária formam uma *única estrutura ilacerável* que, como tal, só é própria ao homem”.⁶⁶⁵ Além de poder objetivar o mundo circundante e criar um mundo para si, o ser humano pode objetivar a si mesmo, as suas vivências pessoais, sendo possível modelar livremente a sua própria vida. O ser humano é o único ser vivente capaz de vontade, de

⁶⁵⁸ VOLKMER, 2006, p. 85.

⁶⁵⁹ AQUINO, Thiago. *A fenomenologia da distinção humana*: Scheler e o projeto da antropologia filosófica. Síntese, Belo Horizonte, v. 41, n. 130, p. 239-258, 2014, p. 255.

⁶⁶⁰ GOMES, Tiago de Fraga. *As premissas do sistema ético-filosófico de Max Scheler*. Razão e Fé, Pelotas, v. 15, n. 2, p. 77-120, 2013, p. 91.

⁶⁶¹ SCHELER, 2003, p. 36.

⁶⁶² VOLKMER, 2006, p. 86.

⁶⁶³ SCHELER, 2003, p. 36.

⁶⁶⁴ SCHELER, 2003, p. 48.

⁶⁶⁵ SCHELER, 2003, p. 39.

opinião e de promessas.

A partir de seu centro espiritual, a pessoa humana é capaz de tornar tudo objeto de seu conhecimento, inclusive o seu próprio ser. É capaz de autoconhecimento. No entanto, para conhecer uma pessoa, é preciso ir além de si mesmo e coparticipar de seu mundo, pois a pessoa é “*pura atualidade, só tem seu ser na livre realização de seus atos*. O centro do espírito, a pessoa, não é, portanto, nem um ser objetivo, nem um ser coisificado, mas apenas uma *estrutura ordenadora de atos*”.⁶⁶⁶ Não é possível simplesmente objetivar uma pessoa, mas apenas acompanhar a realização de seus atos livres. Só é possível compreender uma pessoa amando-a, isso é o extremo oposto de objetivação. O amor leva a uma empatia coparticipativa no ser do outro, sem esgotar gnosiologicamente a sua essência.

Segundo Scheler, a pessoa humana é capaz de se colocar além de seu mundo, de transcender, é capaz de ironia e de humor, de não se resignar aos limites que se lhe impõe, mas busca superação, auto-superação, tem um horizonte que está sempre mais além que a rotina e o cotidiano. A pessoa não possui uma posição estática no cosmos, é centro de atos, é movimento, é peregrinação. Pode estar em qualquer posição. A pessoa é trânsito livre e permanente. “A pessoa só é *em* seus atos e *através* deles”.⁶⁶⁷ A pessoa é indefinível por natureza. Está sempre entre um limite e uma travessia, em saída entre o reino da natureza e o reino de Deus, como em uma ponte, em um movimento entre eles, na meta de um além de si. Na base desta indefinição está uma busca por transcendência, por um mais além, por um sair de si, por um encontro com a natureza mesma ou com Deus, espírito supra individual, “pessoa infinitamente perfeita”⁶⁶⁸, imagem ideal de humanidade.

3 O personalismo ético scheleriano

Para Scheler, a pessoa atua moralmente, porém, possui um valor absolutamente próprio e inalienável. “O ato da pessoa pode ser bom ou mau, mas a pessoa é sempre boa”.⁶⁶⁹ Somente por analogia podemos dizer que uma pessoa é má. Em Scheler, apenas os pecados morais perpetrados são maus, mas nunca o pecador em si, pois a pessoa continua capaz de realizar atos bons, a pessoa sempre pode se converter. A pessoa sempre é capaz de realizar bons atos morais. Para Scheler, a pessoa é ontologicamente boa e digna de valor em si em um sentido absoluto, e nunca relativamente. A pessoa é boa em si, independentemente de qualquer mediação e mesmo que não esteja consciente de seu valor.⁶⁷⁰ A realização da pessoa consiste no desenvolvimento de suas próprias potencialidades e na realização de valores no mundo.

Em um sentido scheleriano, a pessoa humana possui uma dignidade própria, nunca pode ser considerada como um meio para se alcançar um determinado fim. A pessoa não é apenas um ser racional, um sujeito lógico, mas um indivíduo concreto e peculiar que vive e atua, e que não pode ser simplesmente generalizável. “A pessoa não

⁶⁶⁶ SCHELER, 2003, p. 45.

⁶⁶⁷ SCHELER, 2003, p. 45.

⁶⁶⁸ SCHELER, 2003, p. 120.

⁶⁶⁹ VOLKMER, 2006, p. 112.

⁶⁷⁰ SCHELER, Max. *Ética: nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Tomos I e II. Buenos Aires: Revista de Occidente, 1948, p. 292.

pode ser apenas sujeito de atos racionais restritos à leis e à normas”.⁶⁷¹ Diferentemente da ética formal de Kant, o personalismo de Scheler “valoriza a essência e a autonomia da pessoa, combatendo a ideia de uma essencialidade idêntica para todos os homens, ideia que fatalmente levaria a uma ‘despersonalização’ da pessoa concreta”.⁶⁷² Scheler realça a autonomia da pessoa humana em sua realização histórica concreta, e não como uma pura essência ou abstração.

Scheler está entre o psicologismo e a metafísica, concebendo a pessoa como uma entidade dinâmica, um centro de atuação, cuja definição excede toda redução ao material e ao psíquico.⁶⁷³ A pessoa é um ser espiritual, é uma unidade concreta de atos. Na medida em que há liberdade, a pessoa se constitui constantemente.⁶⁷⁴ “A pessoa vive, vivencia-se na execução de seus atos”.⁶⁷⁵ O ser da pessoa é o fundamento de uma ampla gama de atos espirituais e intencionais diversos relacionados com a materialidade da vida. “Para Scheler, a pessoa não é uma substância nem um sujeito no sentido metafísico ou físico da palavra. Ele adota a teoria atualista da pessoa. A pessoa está em relação com os atos que realiza”.⁶⁷⁶ A pessoa é inteiramente em cada ato e é toda em todo ato. A pessoa é uma unidade de atos de todo tipo que se dá por inteiro na experiência. Conhecemos uma pessoa na medida em que coexperimentamos os seus atos, que participados de suas vivências, quando convivemos com ela. Porém, não podemos objetivá-la. Cada pessoa permanece sempre um mistério de alteridade, irreduzível a toda conceitualização formalizadora e totalizante.

Conclusão

O ato de amar uma pessoa proporciona o revelar do valor irreduzível que a pessoa tem em si e o mundo de valores do qual é portadora. O amor não cria valores, os descobre, pois não aceita preconceitos, mas intui e conhece na profundidade, coparticipa do ser do outro, permite-se fazer a experiência intencional do conhecimento da outra pessoa, percebendo as potencialidades e as possibilidades axiológicas positivas ainda não atuadas pela pessoa no mundo da vida. Considerar a pessoa desde a sua emergência constitutiva da materialidade da vida ajuda a superar a esquizofrenia racionalizante de uma modernidade iluminista, deformadora da integralidade do ser. É preciso voltar às raízes, ao chão da existência. Scheler pretende edificar uma antropologia integral que dê o seu contributo para os questionamentos hodiernos a respeito do ser humano. A pessoa não está isolada das esferas do ser, mas tem os pés firmes na realidade vital, é uma espécie de *microcosmo*, um pequeno mundo, que reúne em si os níveis essenciais da existência⁶⁷⁷, mas que está aberto e em permanente busca de auto-realização. O ser humano é como um asceta da vida⁶⁷⁸, que não tem uma posição definida, mas que tem sempre um horizonte a trilhar, e que o faz

⁶⁷¹ PEREIRA, Rosane Maria Batista. *O sistema ético-filosófico dos valores de Max Scheler*. Porto Alegre: Est, 2000, p. 130.

⁶⁷² PEREIRA, 2000, p. 138.

⁶⁷³ MEISTER, José Antonio Fracalossi. *Amor x conhecimento: inter-relação ético-conceitual em Max Scheler*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994, p. 22.

⁶⁷⁴ MEISTER, 1994, p. 23.

⁶⁷⁵ SILVA, Neusa Vaz e. *Sobre o conceito de pessoa na perspectiva ética de Max Scheler*. La Salle, Canoas, v. 5, n. 1, p. 95-103, Out. 2000, p. 98.

⁶⁷⁶ WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a ética cristã*. Curitiba: Champagnat, 1993, p. 35.

⁶⁷⁷ AQUINO, 2014, p. 245.

⁶⁷⁸ AQUINO, 2014, p. 253.

ultrapassar e transcender a mera cotidianidade existencial. A pessoa íntegra e extrapola o contexto vital em que vive e atua.

Referências

- AQUINO, Thiago. *A fenomenologia da distinção humana: Scheler e o projeto da antropologia filosófica*. Síntese, Belo Horizonte, v. 41, n. 130, p. 239-258, 2014.
- GOMES, Tiago de Fraga. *As premissas do sistema ético-filosófico de Max Scheler*. Razão e Fé, Pelotas, v. 15, n. 2, p. 77-120, 2013.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Setenta, 1989.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- MEISTER, José Antonio Fracalossi. *Amor x conhecimento: inter-relação ético-conceitual em Max Scheler*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.
- PEREIRA, Rosane Maria Batista. *O sistema ético-filosófico dos valores de Max Scheler*. Porto Alegre: Est, 2000.
- SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- SCHELER, Max. *Ética: nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Tomos I e II. Buenos Aires: Revista de Occidente, 1948.
- SCHELER, Max. *La idea del hombre y la historia*. Buenos Aires: Fausto, 1996.
- SILVA, Neusa Vaz e. *Sobre o conceito de pessoa na perspectiva ética de Max Scheler*. La Salle, Canoas, v. 5, n. 1, p. 95-103, Out. 2000.
- SPIEGELBERGER, Herbert. *The phenomenological movement: a historical introduction*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1982.
- VOLKMER, Sérgio Augusto Jardim. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a ética cristã*. Curitiba: Champagnat, 1993.